

---

A lâmpada de Deus e o aberto perigo:  
Riobaldo entre a afirmação, a negação e a dúvida

God's light bulb and the open danger:  
Riobaldo amidst affirmation, negation, and doubt

---

Claudia Campos Soares

Doutora em Literatura Brasileira pela  
Universidade de São Paulo. Professora da  
Universidade Federal de Minas Gerais,  
Brasil.

[claudiasoares3107@gmail.com](mailto:claudiasoares3107@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-7192-5092>

Recebido em: 17/04/2020

Aceito para publicação em: 23/09/2020

---

## Resumo

O ex-jagunço Riobaldo, narrador-protagonista de *Grande sertão: veredas*, é um homem angustiado, perturbado por lembranças de um passado que não consegue compreender. Riobaldo gostaria de encontrar na religião um sistema explicativo capaz de dar significado ao vivido. Para isso, ele busca sentidos últimos, certezas absolutas; ou, em suas palavras: a “lâmpada de Deus, a lisa e real verdade”. Entretanto, ao refletir sobre o assunto, leva tão longe seus questionamentos que acaba por colocar sob suspeição os próprios princípios religiosos que gostaria de afirmar. Os enunciados afirmativos são sempre seguidos por sua problematização, ou até mesmo por sua negação, para, logo adiante, voltarem à cena, reafirmados. Assim, tudo termina na ambiguidade, no impasse, na impossibilidade, enfim, do estabelecimento de qualquer sentido final apaziguador.

**Palavras chave:** Guimarães Rosa. *Grande sertão: veredas*. Religião. Desejo de certeza. Impossibilidade do sentido final.

---

## Abstract

*Riobaldo, former “jagunço” and protagonist-narrator of Grande sertão: veredas, is an anguished man disturbed by memories of a past that he cannot understand. Riobaldo would like to find in religion an explanatory system which could make sense of his life experiences. It is to cope with them that he seeks ultimate senses, absolute truths, or, in his own words: “God’s light bulb, the smooth and actual truth”. However, reflecting upon this matter, he takes his inquiries so far as to end up doubting the very religious principles he was hoping to assert. His affirmative statements are always followed by their problematization, or even their negation, only to be brought back reaffirmed later on. So, everything ends up in ambiguity, in impasse, briefly, in the impossibility of establishing any soothing ultimate sense.*

**Keywords:** Guimarães Rosa. *Grande sertão: veredas*. Religion. Wish for certainty. Impossibility of an ultimate sense.

Desde as primeiras páginas de *Grande sertão: veredas*, Riobaldo, o narrador-protagonista do livro, afirma que religião é um assunto do seu interesse. Num momento em que fala do seu gosto pela leitura (“aprezeio um bom livro”), assim enuncia suas preferências: “ponho primazia é na leitura proveitosa, vida de santo [...] São Francisco de Assis, Santo Antônio, São Geraldo...” (ROSA, 2006, p. 14–15).<sup>1</sup> A relevância que a religião tem para Riobaldo, entretanto, vai muito além do interesse pelas “proveitosas” vidas de santos. Para ele, trata-se de uma questão tão importante que deveria merecer mais atenção e uma ação efetiva e contundente por parte da sociedade:

Às vezes eu penso: seria o caso de pessoas de fé e posição se reunirem, em algum apropriado lugar, no meio dos gerais, para se viver só em altas rezas, fortíssimas, louvando a Deus e pedindo glória do perdão do mundo. Todos vinham comparecendo, lá se levantava enorme igreja, não havia mais crimes, nem ambição, e todo sofrimento se espaiava em Deus, dado logo, até à hora de cada uma morte cantar. (14)

Em outro momento, afirma:

Todo assim, o que minha vocação pedia era um fazendão de Deus, colocado no mais tope, se braseando incenso nas cabeceiras das roças, o povo entoando hinos, até os pássaros e bichos vinham bisar. Senhor imagina? Gente sã valente, querendo só o Céu, finalizando. (59)

A religião é uma questão tão importante para o ex-jagunço porque ele gostaria de encontrar nela um sistema explicativo capaz de dar conta das experiências extremamente perturbadoras que viveu no passado e cujo significado, ainda hoje, na velhice, lhe escapa. A inquietação que isso provoca leva-o a contar sua história ao “doutor”, seu interlocutor implícito, esperando que venha dele algum esclarecimento. É o que percebe, por exemplo, neste trecho do livro: “O senhor não acha? Me declare, franco, peço. Ah, lhe agradeço. Se vê que o senhor sabe muito, em idéia firme, além de ter carta de doutor. Lhe agradeço,

---

De agora em diante, as referências ao romance de Guimarães Rosa serão indicadas no texto somente pelo(s) número(s) de página da edição referida.

por tanto.” (25). E neste outro trecho, afirma: “o senhor é homem sobrevivendo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda.” (100).

Sobre sua demanda de sentido, afirma Riobaldo num trecho muito conhecido do livro:

Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. (100)

Riobaldo quer “decifrar” nada menos que o sentido da vida, a “matéria vertente”.<sup>2</sup> Ele gostaria de entender a “lógica” própria da travessia, os motores de funcionamento da vida humana no mundo. Compreendendo o sentido das “coisas que são importantes”, poderia compreender também a sua própria travessia.

O ex-jagunço procura certezas, explicações definitivas, sentidos finais. Ele busca, como afirma em outro momento, “a lâmpada de Deus, a lisa e real verdade” (343). Ou o “significado transcendental”, para utilizar um termo de Jacques Derrida (2005, p. 232). Como discuti em outro trabalho, “O ex-jagunço tem muito daquele homem ocidental de que falou Derrida, aquele que sonha ‘a presença plena, o fundamento tranquilizador, a origem e o fim do jogo’.” (SOARES, 2014, p. 184). Essa presença, o fundamento tranquilizador, permite que “a angústia seja dominada” (DERRIDA, 2005, 231). E é isso, justamente, o que Riobaldo busca nas religiões: ele espera que advenha daí a resposta definitiva para as questões cujo sentido não alcança. É, mais uma vez, nas primeiras páginas do livro, que ele afirma:

O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! (16)

---

A *matéria*, o corpo de que são constituídos os seres humanos, *verte*, ou seja, cumpre uma trajetória no tempo antes de perecer.

A religião “sara da loucura” porque empresta sentido ao que parece absurdo e perturbador e, assim, pode aplacar a angústia. Riobaldo gostaria de, por meio dos preceitos que ela oferece, alcançar o significado definitivo; vale dizer, encontrar, para os acontecimentos desconcertantes da sua trajetória, alguma “lógica”, ainda que obscura e difícil de ser atingida – pois, como um enigma, precisa ser “decifrada”. Mesmo que não a compreenda, a certeza da sua existência lhe traria a tranquilidade que busca: “existe uma receita, a norma dum caminho certo, estreito, de cada uma pessoa viver – e essa pauta cada um tem – mas a gente mesmo, no comum, não sabe encontrar.” (484).

Um sistema explicativo capaz de conferir sentido à experiência é, exatamente, o que oferecem as religiões, segundo Freud. Elas ajudam a tornar “suportável o desamparo humano”, assim explicado por ele:

[...] para o indivíduo, a vida é difícil de suportar. A civilização de que participa impõe-lhe uma certa quantidade de privação, e outros homens lhe trazem outro tanto de sofrimento, seja apesar dos preceitos de sua civilização, seja por causa das imperfeições dela. A isso se acrescentam os danos que a natureza indomada – o que ele chama de Destino – lhe inflige. Poder-se-ia supor que essa condição das coisas resultaria num permanente estado de ansiosa expectativa presente nele e em grave prejuízo a seu narcisismo natural. Já sabemos como o indivíduo reage aos danos que a civilização e os outros homens lhe infligem: desenvolve um grau correspondente de resistência aos regulamentos da civilização e de hostilidade para com ela. Mas, como se defende ele contra os poderes superiores da natureza, do Destino, que o ameaçam da mesma forma que a tudo mais? (FREUD, 2010, p. 54).

Responder a esse desamparo, para o psicanalista, é o que fazem as religiões. Elas asseguram que:

[...] tudo o que acontece no mundo é a realização dos propósitos de uma inteligência superior que, mesmo por caminhos e descaminhos difíceis de entender, acaba por guiar tudo para o bem, ou seja, para a nossa satisfação. Acima de cada um de nós vela uma Providência bondosa, apenas aparentemente severa, que não permite que nos tornemos o juguete de forças naturais poderosas e implacáveis. (61)

É justamente o que Riobaldo busca nelas, como ele mesmo o diz, em palavras que ecoam as de Freud acima transcritas:

[...] um [...] doutor rapaz, que explorava as pedras turmalinas no vale do Araçuaí, discorreu me dizendo que [...] Deus não há. Estremeço. Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vai-vem, e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar – é todos contra os acasos. Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois no fim dá certo. Mas, se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma! Porque existe dor. E a vida do homem está presa encantuada [...] (60)

A ideia de um mundo de onde Deus está ausente horroriza Riobaldo porque, sem ele, a travessia humana no mundo não faria sentido, a experiência (e o sofrimento a ela inerente) seria “burra”, e o ser humano estaria preso no “vai-vem”, no movimento repetitivo, sem progressão, absurdo, enfim. O ex-jagunço tem muita dificuldade em aceitar que sua travessia se reduza a isso, daí sua necessidade de afirmar a existência de Deus: “Travessia, Deus no meio.” (309).

Precisa, mas não consegue. Riobaldo não é, propriamente, um homem de fé, compreendendo-se o termo como uma total confiança na existência de Deus, ainda que não haja evidência que a comprove. Ao contrário, ele tem muitas dúvidas. O que parece motivar sua grande preocupação com questões religiosas é, principalmente, uma necessidade das certezas que, acredita, a religião – ou as religiões – poderia(m) lhe oferecer. Afirma ele:

Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, pra mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. (16)

No apelo a essa multiplicidade de religiões, revela-se a intensidade do afã de Riobaldo em reduzir a existência a um sistema explicativo que justifique os caminhos

tortuosos da sua travessia e lhe traga a tranquilidade almejada. Mas o próprio fato de recorrer a várias delas indica que nenhuma satisfaz o seu desejo de certeza, nenhuma dá a ele a tranquilidade que busca. E o acúmulo também não preenche a falta. É o que confirma a reflexão que fecha o parágrafo: “Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. Mas é só muito provisório.” (16).

A busca de certezas do ex-jagunço é, como se vê, contraposta à consciência da impossibilidade de encontrá-las. Isso porque Riobaldo assume uma postura de dúvida sistemática diante de todos os assuntos. Ele examina, com atenção e cuidado, detalhadamente, diversos aspectos das questões que o preocupam; explora várias possibilidades explicativas considerando e refletindo sobre opiniões alheias e situações empíricas e nunca se detém perante “verdades” estabelecidas. Ironicamente, isso acaba impedindo que ele alcance o objetivo de que sua reflexão deveria ser o instrumento. Essa postura problematizadora – que, lembremos, ele assume em sua busca de compreender “a matéria vertente” – leva-o a desqualificar as verdades que gostaria de encontrar. Riobaldo quer entender, então questiona. Entretanto, ele leva tão longe seus questionamentos que acaba por invalidar as próprias “verdades” em que gostaria de se apoiar. Daí que só chegue a “verdades” provisórias.

Vejamos, por exemplo, sua posição em relação a certas concepções de Quelemém, amigo e espécie de guia espiritual do ex-jagunço. Foi aquele a quem mais tarde Riobaldo passou a chamar de compadre e quem consolou e apoiou o já então ex-jagunço, por ocasião da terrível perda que sofreu na batalha do Paredão. Depois de finda a guerra, Riobaldo procurou Zé Bebelo, e esse lhe disse conhecer a pessoa de quem seu ex-professor precisava naquele momento, e instou-o a procurar Quelemém. Riobaldo seguiu o conselho do antigo aluno e foi realmente um conforto para ele o encontro com o futuro compadre:

Só Zé Bebelo, mesmo, para meu destino começar de salvar. [...] Compadre meu Quelemém me hospedou, deixou meu contar minha história inteira.

Como vi que ele me olhava com aquela enorme paciência – calma de que minha dor passasse; e que podia esperar muito longo tempo. (607)

Riobaldo passa a nutrir por Quelemém, a partir de então, grande afeto, admiração e confiança. Discute sempre as questões que o perturbam com o compadre. O ex-jagunço se refere às palavras do seu conselheiro espiritual como ensinamentos: “tenho de relatar um importante *ensino* que recebi do compadre meu Quelemém.” (153); e verifica com ele a validade das opiniões que tem ou que ouve de terceiros: “*Confiro* com Compadre Quelemém” (22). Isso porque “Quelemém nunca fala vazio” (23) e “está certo sempre” (150).

Entretanto, nem a ele Riobaldo deixa de questionar eventualmente. Discuti a questão em outra ocasião nos seguintes termos:

[...] o ex-jagunço relata a conversa que teve com o compadre a respeito de dois casos: o do valentão Aleixo e seus filhos e do menino Valtei e seus pais. O primeiro personagem, apesar de ser o “homem de maiores ruindades calmas que já se viu”,<sup>3</sup> era “afamalhado, tinha filhos pequenos; aqueles eram o amor dele, todo, despropósito.” (p. 12).<sup>4</sup> A certa altura da vida, os filhos do Aleixo foram ficando todos cegos, o que provocou uma transformação profunda no comportamento do pai, que, desde então, “demudou completo – agora vive da banda de Deus, suando para ser bom e caridoso em todas suas horas da noite e do dia. Parece até que ficou o feliz, que antes não era. Ele mesmo diz que foi um homem de sorte, porque Deus quis ter pena dele, transformar para lá o rumo de sua alma. (p. 12) Riobaldo se indigna diante dessa posição do ex-valentão, questionando: “Se sendo castigo, que culpa das hajas do Aleixo aqueles menininhos tinham?!” E prossegue: “Compadre meu Quelemém reprovou minhas incertezas. Que, por certo, noutra vida revirada, os meninos também tinham sido os mais malvados, da massa e peça do pai, demônios do mesmo caldeirão de lugar [...]” (p.13). Na segunda história, os pais se transformam em direção oposta: de tanto castigarem o filho Valtei, “gostoso de ruim de dentro do fundo das espécies de sua

---

Quando fala em “ruindades calmas”, Riobaldo as atribui a quem impinge sofrimento a outrem agindo com frieza, não movido pela emoção, o que torna suas ações ainda mais condenáveis. Como o Hermógenes, que, além disso, tem um prazer sádico com o sofrimento que provoca: “Mas o Hermógenes era fel dormido, flagelo com frieza. [...] Ele gostava de matar, por seu miúdo regozijo.” (170).

Afirma Riobaldo, quando introduz a história do Aleixo: “Quase todo mais grave criminoso feroz, sempre é muito bom marido, bom filho, bom pai, e é bom amigo-de-seus-amigos! Sei desses.” (10–11).

natureza” (p.13), Pedro Pindó e a mulher “se habituaram de nele bater, de pouquinho em pouquim foram criando nisso um prazer feio de diversão – como regulam as sovas em horas certas confortáveis, até chamam gente para ver o exemplo bom.” Riobaldo, que se apieda do sofrimento do menino (“Ah, mas, acontece, quando está chorando e penando, ele sofre igual que se fosse um menino bonzinho [...]”), obtém de Quelemém uma explicação que segue o mesmo raciocínio da anterior: O menino “devia, em balanço, terríveis perversidades. Alma dele estava no breu. [...] E, agora, pagava.” Riobaldo, entretanto, conclui a narração das duas histórias com a seguinte consideração: “e no começo – para pecados e artes, as pessoas – como por que foi que tanto emendado se começou? Ei, ei, aí todos esbarram. Compadre meu Quelemém, também”. (SOARES, 2017, p.14).<sup>5</sup>

Como se vê, nem as palavras daquele a quem considera um sábio sossegam Riobaldo. É ele mesmo quem afirma, em outra ocasião: “Às vezes não aceito nem a explicação do Compadre meu Quelemém; que acho que alguma coisa falta.” (312). Mais um momento em que isso se dá a ver: depois de relatar ao doutor o encontro com Diadorim [que, àquela altura, era somente o “Menino”] às margens do São Francisco, pergunta Riobaldo:

Por que foi que eu precisei de encontrar aquele Menino? Toleima, eu sei. Dou, de. O senhor não me responda. Mais, que coragem inteirada em peça era aquela, a dele?<sup>6</sup> De Deus, do demo? Por duas, por uma, isto que eu vivo pergunta de saber, *nem o compadre meu Quelemém não me ensina*. (109, grifo meu)

Quelemém não pode responder tudo. Mesmo porque nenhuma resposta satisfaz o ex-jagunço. Sua postura de questionamento sistemático não permite que nenhuma certeza se mantenha por muito tempo. Voltando a um trecho discutido anteriormente, logo após enunciar que é fugaz o conforto que encontra nas diversas religiões a que recorre

---

As páginas citadas no trecho transcrito são as mesmas da edição utilizada neste texto.

A coragem de Diadorim impressionou muito Riobaldo. Seu novo companheiro não tinha medo de atravessar o rio, embora, como ele, não soubesse nadar. Diadorim também não se acovardou diante do intruso que apareceu de repente do outro lado do rio e demonstrou interesse sexual nos dois meninos/jovens [segundo Riobaldo, ele, pelo menos, tinha por volta de 14 anos].

(“Bebo água de todo rio. [...] Tudo me quieta [...]. Mas é só muito provisório”), ele volta a afirmar a “virtude de poder” das orações:

Olhe: tem uma preta, Maria Leôncia, longe daqui não mora, as rezas dela afamam muita virtude de poder. Pois a ela pago, todo mês – encomenda de rezar por mim um terço, todo santo dia, e, nos domingos, um rosário. Vale, se vale. [...] E estou, já mandei recado para uma outra, do Vau-Vau, uma Izina Calanga, para vir aqui, ouvi de que reza também com grandes meremerências, vou efetuar com ela trato igual. Quero punhado dessas, me defendendo em Deus, reunidas de mim em volta... Chagas de Cristo! (16)

Como observou Derrida, “a coerência na contradição exprime a força de um desejo” (2005, p.230–231): no caso de Riobaldo, o do “significado transcendental”, o “signo que dará significação a todos os outros” (EAGLETON, 1997, p. 180), aquele que lhe permitirá compreender a lógica própria da travessia e dar sentido à experiência vivida.

Dentro dessa ordem mais ampla que o ex-jagunço busca para explicar o mundo, ressaltam algumas questões particulares bem específicas. Como as que subjazem a sua necessidade de obter uma resposta definitiva para a questão da existência ou não do demônio.

O assunto aparece logo nas primeiras palavras do livro, na figura do “bezerro erroso” que, “por defeito como nasceu, arrebitado de beiços, esse figurava rindo feito pessoa.” Tendo “cara de gente”, tinha também “cara de cão”, o que fez com que os moradores do lugar “determinassem”: “era o demo” (7). O “demo” será assunto de grande destaque também nas próximas páginas de *Grande sertão: veredas* – e no livro inteiro, na verdade.

Como sabemos, Riobaldo foi jagunço. Chegou a ser um grande chefe de bando. Como tal, praticou ações que, à luz das suas “leituras proveitosas”, seriam altamente reprováveis: ele estuprou mulheres, perpetrou diversas formas de violência e, inclusive, matou pessoas, muitas pessoas. A culpa e o medo da punição pelos crimes e pecados cometidos levam-no a fazer esta afirmação: “E, mesmo, quem de si de ser jagunço se

entrete, já é por alguma competência entrante do demônio.” (10). Em outro momento, diz o que se segue:

Mas, a gente estava com Deus? Jagunço podia? Jagunço – criatura paga para crimes, impondo o sofrer no quieto arruado dos outros, matando e roupihando. [...] A gente, nós, assim jagunços, se estava em permissão de fé para esperar de Deus perdão de proteção? (220–221)

Agora velho, “já caminhando para nãoezas”, como afirma outro personagem rosiano em situação, em parte, semelhante,<sup>7</sup> se preocupa com as consequências da vida que viveu para o seu destino além morte. Tanto que, conforme ele mesmo, “me confessei com sete padres, acertei sete absolvições. No meio da noite eu acordo e pelejo para rezar.” (64). Confessar só uma vez não foi o suficiente para Riobaldo. Nem duas, nem três, nem quatro... Talvez nem sete, pois ele, mesmo depois de todas as confissões e absolvições, continua falando no assunto. E ainda acorda no meio da noite e tenta rezar. O problema não se resolveu para ele, que nunca consegue alcançar a busca certa tranquilizadora.

---

<sup>7</sup> Palavras de outro personagem rosiano em situação, em parte, semelhante. (ROSA, 1994, p. 463). Trata-se do fazendeiro do conto “Luas de mel”, que, como Riobaldo, também se envolveu nas lutas sertanejas e, mais tarde, se retirou do ambiente de violência. Agora, na velhice, vivem ambos uma vida pacata, mas estão sempre prontos para, se for o caso, voltarem ao velho ofício. Em “Luas de mel”, na pacata fazenda sertaneja, rapidamente se arma um pequeno exército – composto pelo filho, pelo capataz e por trabalhadores, “a horas competentes, homens de possibilidade” (ROSA, 1994, p. 464) – porque se anuncia, para um futuro breve, um combate contra um inimigo do amigo do fazendeiro. A mesma estrutura está presente em *Grande sertão: veredas*. Riobaldo afirma que “nem por isso [por estar velho e há muito tempo afastado da jagunçagem] não dou por baixa minha competência, num fogo-e-ferro. A ver. Chegassem viessem aqui com guerra em mim, com más partes, com outras leis, ou com sobejos olhares, e eu ainda sorteio de acender esta zona, ai, se, se! É na boca do trabuco: é no té-retê-retém... E sozinhozinho não estou, há-de-o. Pra não isso, hei coloquei redor meu minha gente. Olhe o senhor: aqui, pegado, vereda abaixo, o Paspé – meeiro meu – é meu. Mais légua, se tanto, tem o Acauã, e tem o Compadre Ciril, ele e três filhos, sei que servem. Banda desta mão, o Alaripe: soubesse o senhor o que é que se preza, em rifleio e à faca, um cearense feito esse! Depois mais: o João Nonato, o Quipes, o Pacamã-de-Presas. E o Fafafa – este deu lances altos, todo lado comigo, no combate velho do Tamanduá-tão: limpamos o vento de quem não tinha ordem de respirar, e antes esses desrodeamos... O Fafafa tem uma eguada. Ele cria cavalos bons. Até um pouco mais longe, no pé-de-serra, de bando meu foram o Sesfrêdo, Jesualdo, o Nélsion e João Concliz. Uns outros. O Triol... E não vou valendo? Deixo terra com eles, deles o que é meu é, fechamos que nem irmãos. Para que eu quero ajuntar riqueza? Estão aí, de armas areiadas. Inimigo vier, a gente cruza chamado, ajuntamos: é hora dum bom tiroteamento em paz, exp’rimentem ver.” (24).

Demonstra-o também o fato de Riobaldo tentar, mas não conseguir mudar de assunto. O segundo parágrafo do livro assim se inicia: “Do demo? Não glosso.” (8). Depois disso, o ex-jagunço passa as páginas seguintes glosando o mote do demo. E, no vigésimo terceiro parágrafo, ainda está tentando não falar mais nesse assunto: “Agora, bem: não queria tocar nisso mais – de o Tinhoso; chega. Mas tem um porém [...]” (24), e continua falando daquilo de que não queria falar.

Em relação a esse assunto que ele gostaria de não abordar, percebemos que o desejo de Riobaldo, mais do que de saber a verdade sobre a existência do demônio, é de negá-la. Ou melhor, ele espera que a verdade seja que ele não exista. Demonstra-o o fato de ele, recorrentemente, negar a existência do “demo”. Afirma ele:

[...] o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! – é o que digo. O senhor aprova? Me declare tudo, franco – é alta mercê que me faz: e pedir posso, encarecido. Este caso – por estúrdio que me vejam – é de minha certa importância. Tomara não fosse... Mas, não diga que o senhor, assidado e instruído, que acredita na pessoa dele?! Não? Lhe agradeço! Sua alta opinião compõe minha valia. Já sabia, esperava por ela – já o campo! Ah, a gente, na velhice, carece de ter sua aragem de descanso. Lhe agradeço. Tem diabo nenhum. Nem espírito. Nunca vi. Alguém devia de ver, então era eu mesmo, este vosso servidor. Fosse lhe contar... (10)

Como se vê, Riobaldo afirma que o diabo não tem existência própria, que ele é parte integrante da existência humana,<sup>8</sup> mas parece ter muita necessidade da confirmação do seu interlocutor-ouvinte. E enfatiza que espera, “encarecido”, uma resposta franca, pelo que ficaria muito grato. Vale observar, entretanto, que, embora ele diga que espera sinceridade, na verdade sua expectativa é de que o doutor lhe dê uma resposta negativa,

---

Em outro momento, o ex-jagunço afirma que é fácil encontrar os “crespos do homem” dentro de si: “para a gente se transformar em ruim ou em valentão, ah basta se olhar um minutinho no espelho – caprichando de fazer cara de valentia; ou cara de ruindade!” (46).

uma vez que seu hóspede, que é “assisado e instruído”, não acreditaria em uma “superstição parva” (48), de um povo “prascóvio” (7).

Importa chamar a atenção também para o fato de Riobaldo dizer que o motivo de questionar o doutor sobre a existência do demo, “solto por si, cidadão”, é de seu interesse particular: “Este caso [...] é de minha certa importância.”, afirma ele no trecho transcrito anteriormente. E reivindica especial autoridade sobre o assunto: “Alguém devia de ver, então era eu mesmo [...]”. Riobaldo sugere, portanto, que tem informações privilegiadas e seguras a esse respeito e, por isso, o que diz tem especial valor. Afirma também que preferiria que assim não fosse, que não tivesse essas informações: “Tomara não fosse [...]”. Interessa ainda ressaltar, em relação ao trecho em questão, que a confirmação que o doutor deu a Riobaldo, de que o diabo não existe, trouxe ao ex-jagunço uma “aragem de descanso”. A essa altura, ainda não sabemos o porquê dessas afirmações, mas já fica evidente que negar a existência do demônio é muito importante para Riobaldo.

Na medida em que a narrativa progride, a necessidade de certeza de que o diabo não existe é reiteradamente confirmada por Riobaldo. Na sua opinião, a questão é de tal gravidade que deveria ser de responsabilidade, inclusive, governamental:

Olhe: o que devia de haver, era de se reunirem-se os sábios, políticos, constituições gradas, fecharem o definitivo a noção – proclamar por uma vez, artes assembleias, que não tem diabo nenhum, não existe, não pode. Valor de lei! Só assim, davam tranquilidade boa à gente. Por que o Governo não cuida?! (14)

Riobaldo deseja tão intensamente uma certeza a esse respeito que chega a pensar que o poder público devia se responsabilizar por dirimir as dúvidas e dar a resposta final, definitiva, inquestionável (com “valor de lei”) de que o diabo não existe. Assim, “fechando o definitivo a noção”, “davam tranquilidade boa à gente”.

Riobaldo mesmo sabe, entretanto, que essa possibilidade não existe. Ele reconhece que uma questão dessa natureza não pode ser da alçada do governo. É o que afirma logo a seguir:

Ah, eu sei que não é possível. Não me assente o senhor por beócio. Uma coisa é pôr ideias arrançadas, outra é lidar com país de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias... Tanta gente – dá susto de saber – e nenhum se sossega: todos nascendo, crescendo, se casando, querendo colocação de emprego, comida, saúde, riqueza, ser importante, querendo chuva e negócios bons... De sorte que carece de se escolher: ou a gente se tece de viver no safado comum, ou cuida só de religião só. (14)

Riobaldo sabe da distância entre seu desejo de certeza e a possibilidade de que ele se concretize. Como ele mesmo enuncia, o “Governo” não tem como promover um evento como esse, para tratar de questões religiosas. Suas atribuições, múltiplas, são de ordem prática, concernentes ao mundo profano (o “safado comum”). O “Governo” não tem como se dedicar a solucionar problemas transcendentais.

Toda essa angústia, porém, não decorre somente do fato de Riobaldo ter sido jagunço. Ele não é atormentado apenas por essas culpas. Há um outro motivo, provavelmente ainda mais grave, para tal preocupação. O ex-jagunço pode ter, num certo momento da sua juventude, feito um pacto com o demônio. Ou, pelo menos, decidiu fazê-lo, e tomou as providências necessárias para tal, seguindo as normas sertanejas do ritual macabro. Assim, pode ter comprometido irremediavelmente sua alma.

Riobaldo tem muitas evidências de que tenha realmente feito o acordo do qual nenhuma absolvição poderia salvá-lo – nem mesmo sete. Depois de invocar o diabo à meia-noite, numa encruzilhada das Veredas Mortas/Tortas, tornou-se chefe do bando e realizou grandes feitos, como a travessia do Liso do Sussuarão e a vitória na guerra contra o Hermógenes. No entanto, o ritual do pacto não ocorreu exatamente como preveem as regras sertanejas. Não no que concerne à outra parte interessada. Enquanto as lendas do sertão dão conta de que, por ocasião do estabelecimento do pacto, coisas extraordinárias aconteceriam,<sup>9</sup> no caso de Riobaldo, nada aconteceu que pudesse comprovar que um

---

Nas palavras de Riobaldo: “Se sendo [se o pacto se dá], há-de que vem um pé-de-vento, sem razão, e arre se comparece uma porca com ninhada de pintos, se não for uma galinha puxando barrigada de

acordo com o sobrenatural estivesse ali sendo selado. Daí que o ex-jagunço não tenha certeza de que tenha mesmo vendido sua alma ao demônio. Não tem certeza nem mesmo da sua existência, uma vez que ele não apareceu para validar o acordo. Mas também não tem certeza do contrário, como se revela no paradoxo que formula nestes termos: “Ele não existe, e não apareceu nem respondeu – que é um falso imaginado. Mas eu supri que ele tinha me ouvido.” (422).

Em alguns momentos, o ex-jagunço acha possível que esteja com a alma comprometida, e o fato de o diabo não ter comparecido na noite fatídica não seria prova irrefutável de que sua decisão e os atos que realizou para colocá-la em prática não teriam validade:

<sup>10</sup> [...] o senhor me dê o lícito: que, ou então – será que pode também ser que tudo é mais passado revolvido remoto, no profundo, mais crônico: que, quando um tem noção de resolver a vender a alma sua, que é porque ela já estava dada vendida, sem se saber; e a pessoa sujeita está só é certificando o regular dalgum velho trato – que já se vendeu aos poucos, faz tempo? (40)

Entretanto, também existe a possibilidade de que não tenha havido pacto algum. Se o diabo não apareceu pode ser que ele não exista mesmo. Nesse caso, Riobaldo não poderia ter-lhe vendido sua alma:

[...] o Tal não existe; pois é não? O Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Coxo, o Temba, o Azarape, o Coisa-Ruim, o Mafarro, o Pé-Preto, o Canho, o Duba-Dubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-sei-que-diga, O-que-nunca-se-ri, o Sem-Gracejos... Pois, não existe! E, se não existe, como é que se pode se contratar pacto com ele? (39).<sup>10</sup>

---

leitões. Tudo errado, remedante, sem completção... O senhor imaginalmente percebe? O crespo – a gente se retém – então dá um cheiro de breu queimado. E o dito – o Coxo – toma espécie, se forma!” (48).

Outro argumento que usa, em outro momento, em favor da impossibilidade de ter havido o pacto: “Decisão de vender alma é afoitez vadia, fantasiado de momento, não tem a obediência legal. Posso vender essas boas terras, daí de entre as Veredas-Quatro – que são dum senhor Almirante, que reside na capital federal? Posso algum!? [...] Se tem alma, e tem, ela é de Deus estabelecida, nem que a pessoa queira ou não queira. Não é vendível. O senhor não acha? Me declare, franco, peço. Ah, lhe agradeço. Se vê que o senhor sabe muito, em idéia firme, além de ter carta de doutor. Lhe agradeço, por tanto. Sua companhia me dá altos prazeres.” (25). Ele, entretanto, continua precisando muito da confirmação do doutor.

Riobaldo ainda apresenta outras duas possibilidades:

[...] quem-sabe, a gente criatura ainda é tão ruim, tão, que Deus só pode às vezes manobrar com os homens é mandando por intermédio do diá? Ou que Deus – quando o projeto que ele começa é para muito adiante, a ruindade nativa do homem só é capaz de ver o aproximado de Deus é em figura do Outro? (40)

Como se vê, apesar do seu desejo de certeza, o ex-jagunço não encontra respostas definitivas para a questão da existência do diabo nem para a da validade do pacto, pois apresenta um argumento em favor da tese que gostaria que fosse verdadeira e, logo a seguir, apresenta outros três que a problematizam. Isso não impede, entretanto, que esteja sempre voltando à primeira posição.

Esse é um procedimento narrativo que percorre todo o livro:<sup>11</sup> Riobaldo faz, a princípio, uma afirmação – que, geralmente, coincide com o seu desejo – e, depois, a problematiza. E costuma voltar a firmá-la adiante. É o que ocorre, mais uma vez, num trecho do livro anteriormente transcrito, onde ele afirma que, só por ter sido jagunço, já estaria comprometido com o demoníaco: “E, mesmo, quem de si de ser jagunço se entrete, já é por alguma competência entrante do demônio.” O que vem logo a seguir a essa afirmação, entretanto, lança dúvidas sobre a validade do afirmado: “Será não? Será?” (10) Riobaldo afirma e depois se pergunta pela validade daquilo que afirmou. E faz isso de duas maneiras: a primeira pergunta é feita na forma negativa (“Será não?” – vale dizer, será que não é isso? Será que estou enganado?); e a outra não tem o advérbio de negação (“Será?” – ou: seria isso mesmo? “Quem de si de ser jagunço se entrete” já seria sim “entrante do demônio?”). Temos, portanto, uma afirmação, seguida de uma dúvida – formulada de duas formas diferentes – sobre a validade do afirmado. Às duas maneiras de formular a mesma pergunta não se segue nenhuma resposta, e a questão permanece em aberto. Até ser

---

E não somente no que se refere ao tratamento da religião, em geral, e do demônio, em particular. Como discuti em outros estudos, essa estrutura se repete na forma como Riobaldo trata várias outras questões. (SOARES, 2014, 2017).

colocada outra vez, com os mesmos resultados. Riobaldo, portanto, não consegue aplacar a angústia da dúvida. Não podendo alcançar a “lâmpada de Deus”, o ex-jagunço se encontra desamparado, vulnerável, indefeso diante do “aberto perigo”. Esse é um dos principais motivos que fazem do “viver” um “negócio muito perigoso” (10).

## Referências

- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2010.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v.1.
- SOARES, Claudia Campos. A impossibilidade da fixação do sentido das coisas e da linguagem. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 165–187, 2014. DOI [10.17851/2358-9787.23.1.165-187](https://doi.org/10.17851/2358-9787.23.1.165-187). Disponível em: [http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o\\_eixo\\_ea\\_roda/article/view/5911](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/5911). Acesso em: 16 mar. 2020.
- SOARES, Claudia Campos. Ponteando opostos e especulando ideia: Riobaldo e a angústia da falta de sentido. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 74, p. 163–173, maio/ago. 2017. DOI [10.17058/signo.v42i74.7275](https://doi.org/10.17058/signo.v42i74.7275). Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/7275>. Acesso em: 16 mar. 2020.